

Barbara Hlibowicka-Węglarz

Universidade Maria Curie-Skłodowska  
de Lublin

## A ORIGEM DOS CRIoulos DE BASE LEXICAL PORTUGUESA NO GOLFO DA GUINÉ

### 1. ALGUMAS INFORMAÇÕES INTRODUCTÓRIAS

De todas as línguas crioulas de base lexical portuguesa que surgiram no mundo, os crioulos africanos são os mais antigos que se conhecem, e, ao mesmo tempo, são os que se caracterizam pela grande vitalidade em relação aos outros. Os crioulistas costumam classificá-los em: Crioulos da Alta Guiné (em Cabo Verde, Guiné-Bissau e Casamansa) e os do Golfo da Guiné (em São Tomé, Príncipe e Ano Bom).

No presente artigo, propomo-nos analisar a origem dos crioulos que se formaram no Golfo da Guiné na época da colonização europeia, no século XVI, que são os seguintes: o São-Tomense<sup>1</sup> e o Angolar – crioulos falados na ilha de São Tomé, o Principense<sup>2</sup> – crioulo falado na ilha do Príncipe, e o Fa d’Ambu – crioulo falado na ilha de Ano Bom.

Para podermos definir a origem de quatro crioulos acima citados, é necessário evidenciar a presença de línguas que estavam em contacto nessa região na época em questão, assim como analisar o papel que desempenharam essas línguas no processo da criouliização. A resposta às perguntas assim colocadas seria possível após uma análise detalhada das condições sociolinguísticas que deram origem à formação dos crioulos nas primeiras décadas do povoamento das ilhas, isto é, na chamada *fase de habitação*<sup>3</sup>.

As ilhas foram descobertas desabitadas entre 1470 e 1471 pelos portugueses, mas começaram a ser povoadas cerca de quinze anos depois. O povoamento efectivo da ilha São Tomé, primeira a ser povoada, data dos anos 1480–1493. As ilhas do Príncipe e do Ano Bom foram povoadas a partir de São Tomé, principalmente pelos portugueses, e pelos escravos africanos importados de São Tomé; a ilha do Príncipe – a partir do ano 1500, ano da doação da ilha, e a do Ano Bom – a partir do ano 1503, também ano da sua doação. Como se vê, a ilha de São Tomé começou a ser povoada vinte anos antes das outras ilhas do arquipélago o que não podia ficar sem importância no processo de formação da sociedade crioula e das línguas crioulas. Sendo assim, analise-

<sup>1</sup> O São-Tomense, chamado também Santome ou Forro.

<sup>2</sup> O Principense, chamado também Lung’ie.

<sup>3</sup> Hagemeyer (2009: 2) considera importante distinguir na história do arquipélago do século XVI duas fases distintas: a primeira, chamada *fase de habitação*, a partir do início de povoação até 1520, e a segunda *fase de plantação*, entre 1520, isto é, a introdução de cana sacarina, até o fim do século XVI quando o ciclo de açúcar entra em ruptura.

mos, em primeiro lugar, as condições sócio-históricas e linguísticas que caracterizavam a ilha de São Tomé.

## 2. SÃO TOMÉ – O INÍCIO DA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE CRIOULA

Ainda nos fins do século XV foram enviados para a ilha de São Tomé os primeiros colonos, portugueses, madeirenses, judeus e cristãos-novos. Segundo nos informa Joana Aerosa Feio (2008: 15) a grande maioria dos portugueses que se fixaram no arquipélago era gente condenada à pena de degredo, ou desesperados à procura de melhores condições de vida. Como os primeiros colonos introduziram durante o século XVI a cana sacarina na ilha, precisavam de mão-de-obra para trabalhar nas plantações e garantir uma boa produção de cana açucareira, por um lado, e do açúcar, por outro. Por isso, traziam um grande número dos escravos para as plantações da Costa da África.

Tomando em consideração a política dos colonizadores portugueses em relação aos escravos africanos, é possível distinguir ao menos dois períodos bem distintos.

Com a chegada dos portugueses a São Tomé, os colonizadores tinham de pensar na organização da vida na ilha. Nas primeiras décadas do povoamento da ilha nota-se um grande afluxo de escravos africanos que estavam forçados a ocupar-se de diferentes tarefas domésticas em casas dos povoadores e trabalhar no campo. A presença desse grupo dos escravos, chamados *escravos de quarto*<sup>4</sup>, devido ao trabalho ao favor dos colonizadores, era de carácter permanente. Este grupo dos escravos tinham mais contacto com os povoadores, e por isso, supõe-se que podia desempenhar um papel-chave no processo de crioulização na ilha.

Além dos *escravos de quarto*, havia também um outro grupo dos escravos, chamados *escravos de resgate*, que foram importados das regiões costeiras do litoral africano e tratados como uma mercadoria em diversos negócios. Alguns eram vendidos, outros retidos para pagar os soldos aos primeiros povoadores. No entanto, a maioria deles serviam como moeda de troca para a feitoria da Mina, situada no actual Gana onde eram reexportados. A presença deles nas ilhas era de carácter temporário e, em princípio, não devia ultrapassar os cinquenta dias. Na realidade, devido à falta do embarcamento, os escravos passavam em São Tomé vários meses, trabalhando como mão-de-obra temporária nas plantações, e participando, de uma certa maneira, no processo de crioulização.

Com o tempo, os portugueses deram-se conta do facto de que, o tráfico dos escravos é um negócio muito rentável e dá muitos proveitos a ambas as partes. A venda dos escravos permitia aos portugueses a importação de diversos produtos que faltavam na ilha. Por sua vez, a compra dos escravos pelos mercadores da feitoria da Mina permitia-lhes sobretudo o transporte de ouro.

A partir de 1500, os portugueses começaram, pouco a pouco, a adquirir os direitos sobre o tráfico dos escravos, ganhando no início o papel de intermediário para conseguir em 1515 os direitos exclusivos. A partir de 1515 “todo o tráfico de escravos no

---

<sup>4</sup> Hagemeyer (1999) distingue dois tipos dos escravos na *fase de habitação*: os *de quarto* cuja fixação na ilha era permanente, e os *de resgate* despachados como mercadoria para a feitoria da Mina.

Golfo da Guiné passava obrigatoriamente pelas ilhas antes de seguir para a casa da Mina” (cf. Hagemeyer 1999: 77). Com o tempo, São Tomé se tinha transformado num grande entreposto atlântico dos escravos que abastecia não só os mercados da Mina e de Lisboa, mas também os mercados das Américas para o trabalho nas plantações da cana-de-açúcar.

Vale a pena reparar também que a ilha São Tomé foi marcada por situações singulares. Enquanto em outros sítios em África no século XVI as ordens régias proibiram as relações dos colonizadores com as mulheres negras, em São Tomé, em 1515, o rei Dom Manuel declarou livres as escravas dadas aos povoadores, assim como os seus filhos, chamados na época *filhos da terra*. Dois anos mais tarde, em 1517, o mesmo rei outorgou os privilégios iguais aos escravos homens e aos seus filhos. Com estes decretos os ex-escravos, chamados *forros*, herdavam dos pais inúmeros privilégios e ganharam, cada vez mais, uma posição de destaque na sociedade. Através dos decretos mencionados a Coroa Portuguesa oferecia um certo poder não só aos europeus, mas também aos mulatos e aos africanos.

Nas condições acima apresentadas começou a formar-se uma sociedade crioula a partir da mistura de portugueses e africanos. O grupo dos africanos era muito forte e muito numeroso. Era composto por homens livres, *forros* e escravos (*de quarto e de resgate*). Os africanos livres eram do litoral do continente e foram atraídos para a ilha, no intuito de criar uma rede indispensável para o desenvolvimento de São Tomé e das actividades em África. Tornaram-se elementos importantes intermediando as relações, em especial no início da colonização, ocupando-se principalmente do comércio (cf. Guimarães 2008). Além dos grupos mencionados, havia na ilha muitos mulatos, assim como pretos muito ricos de diferentes proveniências, sobretudo vindos do litoral do continente para fazer negócios com a costa africana.

### 3. SÃO TOMÉ – O BERÇO DO PROTO-CRIOULO DO GOLFO DA GUINÉ

Quanto à origem dos escravos que se resgatavam nos finais do século XV e princípios de século XVI, é preciso salientar que os primeiros escravos em São Tomé, na sua maioria, teriam vindo da região do antigo Reino de Benim, situado na actual Nigéria. Foi uma região com a qual os portugueses mantinham laços diplomáticos e comerciais desde a década de 80 do século XV. Assim, a carreira dos escravos que começou na viragem para o século XVI, conduzia de Benim, onde os escravos foram resgatados, a São Tomé, e de São Tomé ao posto comercial S. Jorge d’El Mina onde foram despachados como mercadoria.

Vale a pena lembrar também que nos finais do século XV, a partir do ano 1493, os portugueses começaram a importar os escravos também da outra zona, quer dizer, da região que ia do Rio Real, situado na fronteira entre a Nigéria e os Camarões, até ao Congo. No entanto, os dados sócio-históricos da época não informam sobre um grande comércio escravagista nessa nova zona. A maior parte dos escravos continuavam a vir do Reino do Benim, em que se falava o Edo, língua do grupo Kwa (Edóide).

Só no início da chamada *fase de plantação* (entre 1520 e o fim do século XVI), a área de resgate dos escravos mudou-se do Benim para o Congo, e depois Angola – zonas Bantu em que as falavam variedades do Kikongo e do Kimbundu muito distintos do Edo.

Analisando a carreira dos escravos na *fase de habitação*, isto é: Benim (onde se resgatavam os escravos) – São Tomé (onde se transportavam os escravos) – Mina (onde os escravos foram reexportados), todos os crioulistas estão de acordo que foi em São Tomé, e não em outros sítios mencionados, onde se criaram as condições muito favoráveis a uma crioulição rápida<sup>5</sup> que deu em resultado o surgimento de uma língua crioula que mais tarde se difundiu para as roças.

Assim, do contacto entre europeus e escravos africanos nos finais do século XV e no século XVI resultou uma mestiçagem muito profunda. Por estas razões, os linguistas consideram a ilha São Tomé como o berço do proto-crioulo do Golfo da Guiné.

Os factos históricos, assim como uma análise detalhada dos dados linguísticos que se referem a quatro crioulos falados no Golfo da Guiné permitem reconstituir a origem das línguas crioulas dessa zona. Todos os dados históricos e linguísticos recolhidos demonstram que os crioulos em análise tiveram uma origem comum, partilham uma mesma raiz que os crioulistas denominam de proto-crioulo do Golfo da Guiné. Os mesmos dados permitem concluir que a proto-língua mencionada baseia-se nas línguas africanas: Kwa e particularmente Edo e que só com o tempo, no final do século XVI, o proto-crioulo deu origem a quatro crioulos diferentes<sup>6</sup>.

Comparando as características fonéticas, lexicais, assim como sintáticas de cada um dos crioulos do Golfo da Guiné, os crioulistas tentaram explicar as diferenças linguísticas entre o São-Tomense, o Angolar, o Principense e o Fa d'Ambu, para depois decidir a origem deles. Todas as investigações partem do princípio de que a sintaxe assume um papel fundamental numa língua, tendo um carácter muito mais estável do que o léxico e as particularidades fonéticas. Quanto à distribuição do léxico africano e alguns aspectos fonéticos os crioulistas sugerem um contexto linguístico diferenciados para cada um dos crioulos. Aos vocábulos de origem africana pode ser atribuída uma origem Kwa<sup>7</sup> ou Bantu<sup>8</sup>, dois grupos distintos da família Niger-Congo. Quanto a sintaxe, Hagemeyer (1999: 80) argumenta que o proto-crioulo do Golfo da Guiné já devia ser um sistema linguístico estável na altura em que se ramificou em quatro crioulos. O autor citado diz também que as soluções sintáticas de todas as línguas crioulas em análise se inclinam sempre para a solução encontrada nas línguas Kwa.

---

<sup>5</sup> Hagemeyer (1999: 78) rejeita as hipóteses de a Mina ou o posto comercial no delta do Niger-Benim ter sido os locais onde teve início a crioulição. No entreposto da Mina não eram faladas línguas africanas que influenciaram os crioulos do Golfo da Guiné. No caso do Benim, o conjunto dos factores histórico-sociais (poucos europeus, uma constante saída de escravos para S. Tomé e para a Mina) não parece ter favorecido a estabilização de um novo sistema linguístico nesse local.

<sup>6</sup> Matos (1842) foi um dos primeiros que identificou o parentesco entre as línguas crioulas dessa região. Segundo Gunter (1973), Ferraz (1974, 1979) e outros crioulistas, o contacto linguístico no processo do povoamento da ilha São Tomé teve como consequência o aparecimento, em primeiro lugar de um pidgin, e depois, de uma única língua crioula de base lexical portuguesa que mais tarde deu quatro crioulos distintos.

<sup>7</sup> Dentro deste grupo, os dialectos do Edo desempenham um papel mais importante.

<sup>8</sup> Dentro do grupo Bantu, são o Kikongo e o Kimbundo que nos interessam mais.

#### 4. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS CRIoulos DO GOLFO DA GUINÉ

##### 4.1. O SANTOMENSE OU O FORRO

É preciso relembrar uma vez mais que de todas as ilhas do arquipélago, a ilha de São Tomé foi a primeira que começou a ser povoada. Foi nesta ilha onde se formou a primeira sociedade crioula que, mais tarde, deu em resultado o proto-crioulo do Golfo da Guiné.

É necessário relembrar também que nos finais do século XV e nos princípios do século XVI a maior parte dos escravos teriam vindo a São Tomé e Príncipe da região do Benim, região em que se falava um língua Edo. O constante contacto com a língua portuguesa, língua minoritária mas de grande prestígio, fez com que ela se tornasse muito popular entre os escravos. Como os contactos entre portugueses e africanos na *fase de habitação* eram muito intensos, deram origem à formação de uma língua crioula que se falava nas ilhas.

O São-Tomense é o crioulo com o maior número de falantes. Segundo o censo efectuado em 1991, tinha 70 000 falantes. Ao mesmo tempo, é o crioulo mais antigo do arquipélago.

Segundo os dados apresentados em Ferraz (1979), nota-se que as unidades lexicais de origem portuguesa no São-Tomense constituem 93% do léxico total, enquanto os vocábulos de origem africana apenas 7% do léxico total (com duas porções equilibradas de léxico Bantu e Kwa: Kikongo e Edo).

Como diz Lorenzino (1996: 435) “o seu prestígio deve-se a ter sido a língua dos mestiços que atingiram um influente *status* socio-económico quando converteram-se em proprietários de terras e escravos”.

##### 4.2. O ANGOLAR OU MONCÓ

Embora o São-Tomense e o Angolar coexistam na mesma ilha de São-Tomé, o Angolar tem as características mais Bantu.

O Angolar, língua dos *angolares*<sup>9</sup>, chamada por alguns linguistas *moncó*, é falado no sudeste da ilha de São-Tomé por cerca de 5 000 falantes. Os crioulistas consideram-no o resultado da relexificação parcial do proto-crioulo do Golfo da Guiné pelo Kimbundo, língua do grupo Bantu.

Os investigadores explicam que o impacto dos escravos falantes de línguas Bantu se dá numa segunda fase, *fase de plantação* em que vinham muitos escravos de Angola, país principalmente Bantu. Provavelmente, a uma comunidade existente de escravos fugidos, chamados *angolares*, juntaram-se escravos naturais de Angola que teriam vindo em grande número às ilhas para trabalharem nos engenhos de açúcar, a partir de 1530. Estes escravos enriqueceram o léxico do proto-crioulo existente com as palavras de origem Bantu, particularmente do Kimbundo. Por isso, Hagemeyer (2009: 16) diz

---

<sup>9</sup> Os *angolares* são considerados escravos fugidos dos engenhos de açúcar que se refugiaram em quilombos no sul da ilha, formando um grupo separado. Os *angolares* consideravam-se homens livres.

que “nestas condições, o Kimbundo não deve ser considerado uma língua de substrato, um papel reservado ao Edo, mas sim uma língua de adstrato, sem efeito fundador”.

Segundo Lorenzino (1998) o léxico do crioulo referido caracteriza-se por ter a percentagem entre 80 e 90 % dos vocábulos de origem portuguesa, e entre 10 e 20% dos vocábulos de origem africana (dos quais 80% – de origem Kimbundo, os restantes 20% – de origem Edo e Kikongo).

Tomando em consideração todas as condições sócio-históricas da época, Hagemeijer (1999: 83) supõe que dos crioulos do Golfo da Guiné o Angolar é o último que se estabilizou.

#### 4.3. O PRINCIPENSE OU LUNG'IE

A ilha de Príncipe foi povoada a partir de São Tomé, após a doação da ilha em 1500. Como o Principense terá sido levado de São Tomé para a ilha do Príncipe no início do século XVI, não estranha que é uma língua muito próxima ao crioulo santomense que preservou muitos aspectos do carácter Edo.

Vale a pena lembrar que a ilha de Príncipe, junto com a ilha de São Tomé, desempenhou um papel importantíssimo como entreposto no tráfico de escravos, possuindo contratos a prazo com o rei de Portugal quanto ao abastecimento de escravos para a Mina, e logo depois para Lisboa, e para as sociedades coloniais das Américas.

Vale a pena completar também que, além dos escravos levados à ilha via São Tomé, havia também um grande número de escravos do delta do Niger (zona em que se falava Edo) que teriam sido transportados directamente para a ilha do Príncipe, sem intermediário de São Tomé. Como sublinha Hagemeijer (1999: 83): “o número de escravos de zonas bantu com permanência fixa na ilha do príncipe deve ter sido sempre limitado”.

Quanto aos dados linguísticos, o glossário de Gunter (1973) informa que o Principense, sendo um crioulo de base lexical portuguesa, terá uns 90% de léxico proveniente do português. Ao mesmo tempo, Ferraz (1979: 9) supõe que o Principense partilha 88% do léxico com o São-Tomense. A restante percentagem dos vocábulos provém das línguas de substrato africano que no caso do Principense provém da zona Kwa e do Edo em particular.

Segundo o censo da Direcção de Estatística de São Tomé e Príncipe já mencionado, havia uns 1500 falantes desse crioulo em 1991.

#### 4.4. O FA D'AMBU

A ilha de Ano Bom foi descoberta por exploradores portugueses em 1473 e pertenceu à coroa portuguesa até 1778, ano em que foi transferida para a Espanha em troca de territórios espanhóis no Novo Mundo. O povoamento da ilha começou em 1503 e foi efectuado a partir de São Tomé e posterior ao de Príncipe. Segundo os dados de Valentim Fernandes<sup>10</sup>, um impressor alemão, havia apenas nove moradores em 1507.

<sup>10</sup> Valentim Fernandes, citado por Hagemeijer (1999: 75).

Outros dados informam que no início do século XVI, até 1543, a ilha estava deserta. Tendo em conta os dados históricos citados pode-se supor que foi o São-Tomense já estabilizado que foi transportado a ilha de Ano Bom. As diferenças linguísticas que existem entre os dois crioulos falados actualmente resultam do contacto com os diferentes superstratos das épocas posteriores.

É por isso, que os crioulistas consideram o Fa d'Ambu o mais próximo do São-Tomense. O crioulo mencionado não se caracteriza pelos traços Kwa do Principense nem de componente marcadamente Bantu.

Segundo os dados apresentados em Ferraz (1979), o São-Tomense partilha 82% do seu léxico com o Fa d'Ambu. Quanto à percentagem dos vocábulos de origem portuguesa e africana que compõem o léxico desse crioulo, os crioulistas não dispõem de dados concretos e suficientes mas sugerem que o léxico de origem Kwa (Edo) predomina sobre o léxico Bantu.

Hoje em dia o Fa d'Ambu é falado por uns 4 000 falantes distribuídos entre duas ilhas: Ano Bom e a ilha de Bioko (antigo Fernando Pó).

## 5. CONCLUSÕES

As condições sócio-históricas numa zona multilingue, assim como os dados linguísticos apresentados confirmam o surgimento no início do século XVI dum proto-crioulo do Golfo da Guiné. Como os escravos que teriam sido trazidos para o povoamento de São Tomé vinham principalmente da região do delta do Níger (Benim), todos os crioulistas estão de acordo que o proto-crioulo do Golfo da Guiné baseia-se nas línguas africanas do grupo Kwa.

Com o tempo, a proto-língua estabilizou-se e deu quatro crioulos diferentes: o São-Tomense, o Principense, o Angolar e o Fa d'Ambu. Embora existam diferenças entre eles, pode-se dizer que todas as línguas crioulas citadas tiveram a origem comum e que resultam do contacto entre o Português e o Edo na *fase de habitação*, e as línguas Bantu na *fase de plantação*, após o ano 1520.

Comparando os crioulos citados é preciso reparar que o Principense que se estabilizou como primeiro de todos, distingue-se dos outros por ser marcadamente Kwa. O crioulo que podemos considerar outro extremo que se estabilizou com último, é o Angolar, com características mais Bantu. O Fa d'Ambu surgiu depois de 1543, quando o São-Tomense já se tinha estabilizado. O São-Tomense estabilizou-se entre 1510 e 1530, reestruturado por uma componente Kikongo (devido aos escravos do Congo a partir de 1510) e Kimbundo (devido aos escravos de Angola a partir de 1530).

## BIBLIOGRAFIA

AGUIAR Jolanda Trovoada, 1993, São-Tomé e Príncipe – Plantas e Povos. Origens e Consequências, (in:) *Actas do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. As Ciências Sociais nos Espaços de Língua Portuguesa, balanços e desafios*, Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 357–374.

- FEIO Joana Areosa, 2008, *De étnicos a “étnicos”: uma abordagem aos angolares de São-Tomé e Príncipe*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa.
- FERRAZ Luís Ivens, 1974, A Linguistic Appraisal of Angolar, (in:) *In Memoriam António Jorge Dias*, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- FERRAZ Luís Ivens, 1976, A origem e o desenvolvimento de quatro crioulos portugueses do Golfo da Guiné, *Revista Brasileira de Linguística* 3 (2), 70–76.
- FERRAZ Luís Ivens, 1979, *The Creole of São Tomé*, Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- GUIMARÃES Cecília Silva, 2008, São Tomé como um centro de experimentação e sua influência na construção colonial do novo mundo, (in:) *Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. Mneme – Revista de Humanidades* vol. 9, nr 24, 1–12.
- GUIMARÃES Cecília Silva, 2009, Um armazém de escravos no Atlântico: o comércio na Ilha de São Tomé – século XVI, (in:) *IV Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, Curitiba, 29–38.
- GUNTER Wilfried, 1973, *Das Pricipensische Kreolish der Ilha do Príncipe*, Marburg: Marburger Studien zur Afrika und Asienkunde, Serie A, Afrika Band 2.
- HAGEMEIJER Tjerk, 1999, As ilhas de Babel: A criouliização no Golfo da Guiné, *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas* 6, 74–88.
- HAGEMEIJER Tjerk, 2003, A negação nos crioulos do Golfo da Guiné: aspectos sincrónicos e diacrónicos, *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana* 2, 151–178.
- HAGEMEIJER Tjerk, 2009, As línguas de São Tomé e Príncipe, *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola* 1, 1–27.
- HENRIQUES Isabel Castro, 2000, *São Tomé e Príncipe – a invenção de uma sociedade*, Lisboa: Veja Editora.
- HLIBOWICKA-WĘGLARZ Barbara, 2010, A formação do universo linguístico em São-Tomé e Príncipe – contexto histórico-social, *Zeszyty Naukowe Wyższej Szkoły Społeczno-Przyrodniczej im. Wincentego Pola w Lublinie* 8, Lublin, 75–87.
- LORENZINO Gerardo, 1996, Uma avaliação sócio-linguística sobre São Tomé e Príncipe, (in:) *Actas de Congresso Internacional sobre o Português*, Lisboa: Colibri, 435–451.
- LORENZINO Gerardo, 1998, *The Angolar creole Portuguese of São Tomé: Its grammar and sociolinguistic history*, New York: University of New York, Dissertação de Doutoramento.
- MATOS Raimundo José da Cunha, 1842, *Corographia histórica das ilhas de S. Thomé, Príncipe, Ano Bom e Fernando Pó*, Porto: Typographia da Revista.
- MAURER Philippe, 1995, *L'angolar. Um créole afro-portugais parlé à São Tomé*, Hamburg: Helmut Buske Verlag.

## Summary

### *The origin of the Creole languages from the Gulf of Guinea*

The aim of this article is to identify the origin of the Portuguese-based Creole languages which developed in the Gulf of Guinea in the 16<sup>th</sup> century. In order to achieve this aim, we shall analyze the socio-historical as well as lingual conditions in which the creolization process occurred.

The archipelago Saints Thomas and Prince was discovered by the Portuguese at the end of the 15<sup>th</sup> century and was populated by the black slaves originating from the African coasts who spoke different languages mainly representing the groups Kwa and Bantu. Under such favourable conditions, the creolization process quickly took place. As a result the Proto-Creole language developed, out of which slightly later four other Creole languages developed.



### Streszczenie

#### *Pochodzenie portugalskich języków kreolskich z Zatoki Gwinejskiej*

Ustalenie pochodzenia portugalskich języków kreolskich, które uformowały się w Zatoce Gwinejskiej w XVI wieku, stanowi zasadniczy cel niniejszego artykułu. Aby osiągnąć stawiany sobie cel, analizujemy warunki społeczno-historyczne oraz językowe, w jakich nastąpił proces kreolizacji.

Archipelag Wysp Świętego Tomasza i Książęcej został odkryty przez Portugalczyków pod koniec XV wieku i zaludniony przez czarnych niewolników pochodzących z wybrzeży Afryki, posługujących się różnymi językami, głównie z grupy Kwa i Bantu. W tak sprzyjających warunkach nastąpił szybki proces kreolizacji, w wyniku którego powstał język protokreolski, z którego nieco później uformowały się cztery odrębne języki kreolskie.